

## AS GUERRAS NO GOLFO PÉRSICO

*“Comandantes de vários níveis passaram a dispor da possibilidade de tomar decisões enquanto os acontecimentos se desenrolam, o velho sonho de todo chefe militar. Em outras palavras, a informação em tempo real substitui, na guerra moderna, o que era antes chamado de “colina do comandante em chefe” – algum tipo de elevação do terreno de onde, em tempos antigos, se podia ter uma visão de conjunto do campo de batalha.”*<sup>43</sup>

William Waack, jornalista

A estabilidade do Oriente Médio, onde se encontram grandes reservas petrolíferas, vitais para os países industrializados, adquiriu crescente importância ao longo do século XX. No início da década de 1990, um dos principais países dessa região, o Iraque, governado pelo ditador Saddam Hussein, encontrava-se com sua economia debilitada. Tal fato decorria, em grande parte, dos gastos que esse país tivera para manter uma desgastante guerra contra o Irã, no período de 1980 a 1988, devido à disputa por territórios próximos ao rio Shatt al Arab. Durante o conflito, o Iraque recebeu apoio e empréstimos financeiros de diversos Estados ocidentais e árabes, que eram contrários ao regime fundamentalista islâmico instalado no Irã, em 1979, por meio de uma revolução.

Terminada a guerra com o Irã, o Iraque, sem ter conseguido ganhar algum, passou a ser pressionado pelos países que o apoiaram, no sentido de que pagasse os empréstimos contraídos durante o conflito. Saddam Hussein sentiu-se injustiçado com tal atitude, pois considerava-se responsável pela contenção da expansão fundamentalista islâmica, merecendo, portanto, receber melhor tratamento.

Outro fato desapontava o ditador iraquiano: ele esperava fazer uso das imensas reservas petrolíferas iraquianas para estabilizar a economia de seu país, mas o preço do petróleo estava em queda. Em julho de 1990, Saddam responsabilizou o Kuwait de ser o causador das baixas no preço do petróleo, por vender maior quantidade do produto do que a cota estabelecida pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Além disso, acusou o Kuwait de extrair ilegalmente petróleo de campos iraquianos. Neste contexto, considerou ter razões suficientes para exigir do Kuwait o perdão de dívidas e o pagamento de indenizações. Um antigo litígio entre os dois países pelos portos de Bubiyan e Uarba contribuía para aumentar as tensões.

---

<sup>43</sup> Apud **História das guerras**, 2006, p 460.

O governo kuwaitiano, entretanto, não cedeu às pressões de Saddam. Em represália, o governante iraquiano ordenou que suas tropas ocupassem o Kuwait, o que se deu em agosto de 1990, sem grande resistência das inexpressivas Forças Armadas Kuwaitianas.

Saddam esperava que não houvesse uma forte reação internacional contra a invasão do Kuwait, mas não foi o que aconteceu. As potências ocidentais, principalmente os Estados Unidos (governado por George Bush), temiam pelas consequências que poderiam advir do fato de o Iraque passar a controlar boa parte da produção do petróleo do Oriente Médio. O governo norte-americano levava em conta, também, que uma atitude passiva das grandes potências encorajaria Saddam a desencadear ataques a outros países do Oriente Médio, entre os quais a Arábia Saudita, maior produtora de petróleo da região.

Os fatos repercutiram na ONU, onde os países membros do Conselho de Segurança condenaram a agressão iraquiana e aprovaram resoluções que impunham boicotes comerciais, financeiros e militares ao Iraque. O ditador iraquiano respondeu à decisão do Conselho de Segurança transformando o Kuwait em uma província do Iraque. Imediatamente, tropas norte-americanas foram autorizadas a estacionar na Arábia Saudita, a fim de auxiliar as forças armadas deste país, em caso de uma agressão iraquiana (Operação Escudo do Deserto).

#### FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

Depois da Primeira Guerra Mundial, houve forte domínio econômico, político e militar dos países ocidentais sobre as nações islâmicas. Em decorrência disso, muitos muçulmanos passaram a crer que sua identidade cultural e religiosa estivesse sendo ameaçada pela influência do pensamento ocidental. Surgiram, então, grupos, ditos fundamentalistas, que se caracterizam pelo combate aos valores ocidentais e pela defesa ardorosa dos dogmas islâmicos. Para estes grupos, o Islã é um poder superior aos demais (políticos, econômicos e sociais), cabendo-lhe, por isso, controlar o Estado.

A vitoriosa Revolução Islâmica, realizada no Irã em 1979, por xiitas que rejeitavam qualquer ligação com o Ocidente, ofereceu inspiração a muitos grupos radicais muçulmanos, que passaram a intensificar sua luta pelo estabelecimento de Estados fundamentalistas islâmicos. Os Estados Unidos, principal potência ocidental, são vistos como a maior ameaça a esse propósito, por apoiar regimes aos quais os fundamentalistas islâmicos se opõem. Sendo assim, ações de combate, normalmente terroristas, contra os norte-americanos, são um dos principais objetivos dos grupos fundamentalistas islâmicos.

O terrorismo, embora tenha muitas feições, é normalmente visto como um meio pelo qual, através da violência física ou psicológica, indivíduos ou grupos contestam uma ordem estabelecida. As ações terroristas podem ser desencadeadas seletivamente contra autoridades e órgãos governamentais, ou de forma indiscriminada sobre populações que legitimam determinados governos. O objetivo principal dos terroristas é produzir com seu ato um abalo psicológico no inimigo muito maior do que os danos materiais causados, o que dá notoriedade à sua causa e enfraquece moralmente o adversário.

Os principais grupos fundamentalistas islâmicos em atividade no início do século XXI são o Talibã, no Afeganistão; o Hezbollah, no Líbano; o Hamas, na Faixa de Gaza; e a Al-Qaeda, de cunho internacional. A este, liderado por Osama Bin Laden, atribuem-se os ataques de 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center, em Nova Iorque; ao Pentágono, na Virgínia; e ao voo 93 da American Airlines, na Pensilvânia; dos quais resultaram a morte de cerca de 2.900 pessoas. Em consequência, passou a ser objetivo militar número um do governo norte-americano combater estes grupos e as entidades ou pessoas que os apoiam.

Em meio aos esforços diplomáticos para resolver a crise, o Conselho de Segurança da ONU aprovou o uso da força, caso as tropas iraquianas não se retirassem do Kuwait até 15 de janeiro de 1991. Como o Iraque não demonstrasse a intenção de deixar o Kuwait, tropas de diversos países, liderados pelos Estados Unidos, começaram a se deslocar para o Oriente Médio, principalmente para a Arábia Saudita, tendo em vista formar uma coalizão contra o Iraque.

Em janeiro de 1991, o efetivo da coalizão somava aproximadamente 1.000.000 de homens, que contavam com cerca de 3.000 carros-de-combate, 200 navios de guerra e 1.800 aeronaves de combate. O esforço principal foi dos Estados Unidos, que deslocaram para a Arábia Saudita cerca de 530.000 homens, 1.200 carros-de-combate, 100 navios de guerra (inclusive porta-aviões) e 1.300 aeronaves de combate.

Por motivos culturais, religiosos e políticos, as tropas terrestres da coalizão foram divididas em dois grandes comandos: o Central dos EUA e o das Forças Conjuntas Árabe-Islâmicas. O Comando Central dos EUA, comandado pelo general Norman Schwarzkopf, tinha como principais unidades de manobras 3 Corpos de Exército: o XVIII (reforçado por uma divisão blindada leve francesa), o VII (reforçado por uma divisão blindada britânica) e o I (fuzileiros navais). O Comando Central das Forças Conjuntas Árabe-Islâmicas, comandado pelo tenente general saudita Khalid Ibn Sultan, tinha como unidades de manobra o Corpo de Exército Norte e o Corpo de Exército Leste.

Para fazer frente à coalizão, Saddam contava com aproximadamente 570.000 soldados, 4.500 carros-de-combate, 2.900 veículos blindados e cerca de 500 aviões. As unidades terrestres estavam divididas em divisões mecanizadas, blindadas e de infantaria.

A superioridade das forças da coalizão era expressiva, particularmente na área tecnológica, devido, em maior parte, aos avançados armamentos e equipamentos que os norte-americanos dispunham em seus arsenais. Como exemplos, podiam contar com satélites e aeronaves AWACS (“Airborne Warning and Control System” - Sistema de Controle e Alerta Aéreo), capazes de fornecer aos comandantes, em tempo real, uma gama imensa de informações sobre o que se passava nos campos de batalha (localização de tropas, de aeronaves, de instalações militares, de fortificações, entre muitos outros dados). Tinham, ainda, caças F-117 Nighthawk “Stealth” (furtivo), quase imune a radares, próprios para bombardeios estratégicos de surpresa, e carros-de-combate Abrams, de blindagem, eletrônica e poder de fogo superiores aos do inimigo. Dispunham, também, de “bombas inteligentes”, que, depois de lançadas, podiam ser guiadas até o alvo por meio de satélites, câmeras e “laser”, e de mísseis de cruzeiro Tomahawk, de longo alcance, capazes de serem programados e redirecionados para atingir determinado alvo e que podiam ser armados com uma ogiva nuclear de 200 kt ou uma convencional de 450 kg. Além disso, possuíam aparelhos de GPS (“Global Positioning System” – Sistema de Posicionamento Global), que permitiam a qualquer combatente saber sua exata localização e orientar-se, fazendo uso de informações provenientes de satélites.

## ARMAMENTOS



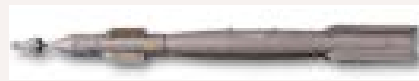
AERONAVE AWACS



CAÇA F-117 NIGHTHAWK  
“STEALTH” (FURTIVO)



MÍSSIL TOMAHAWK



“BOMBA INTELIGENTE”



MÍSSIL SCUD



CARRO-DE-COMBATE ABRAMS

Os iraquianos contavam com armamentos e equipamentos militares em grande parte adquiridos na URSS, defasados tecnologicamente em relação aos dos norte-americanos. Três aspectos do aparato militar iraquiano, no entanto, preocupavam com maior intensidade as forças da coalizão: o Iraque possuía um sistema de defesa antiaéreo bastante potente, armas químicas e mísseis SCUD (de longo alcance, mas imprecisos). Estes tinham pouco valor nos campos de batalha, mas serviam para aterrorizar tropas e populações que se encontravam em seu raio de alcance.

Outro fator que pesava a favor da coalizão era o melhor preparo de suas tropas. Os soldados norte-americanos, britânicos e franceses, particularmente, eram profissionais, bem treinados e aptos a utilizar os meios mais avançados que existiam nos arsenais de suas forças armadas. Partiram para a guerra confiantes e motivados em cumprir o que fora determinado pela ONU, ou seja, a expulsão das tropas iraquianas que ocupavam o Kuwait.

Quanto aos combatentes iraquianos, muitos tinham experiência em combate, pois haviam participado da guerra contra o Irã, mas isso não significava que estivessem preparados para enfrentar adversários que dispunham de equipamentos de alta tecnologia. Compunham o Exército Iraquiano dois tipos de soldados: os da Guarda Republicana - cerca de 150.000 homens, profissionais, bem treinados e bem pagos-, e os das tropas regulares - soldados pouco treinados, mal alimentados e pouco armados, recrutados entre a população mais pobre. Cansados pelos oito anos de guerra contra os iranianos, não entendendo muito bem os motivos pelos quais haviam invadido o Kuwait, a maioria dos soldados iraquianos comuns estava pouco motivada para enfrentar inimigos que consideravam poderosos. Para motivar seus soldados, Saddam chegou a declarar uma Jihad (Guerra Santa) contra seus adversários e a proclamar que o território kuwaitiano pertencia legitimamente ao Iraque, mas o desenrolar da guerra demonstrou que tais artifícios não trouxeram grandes resultados.

Em relação ao comando, Saddam, temeroso de possíveis sublevações, centralizava as decisões sobre as ações a serem desencadeadas, o que resultava em quase nenhuma liberdade decisória aos comandantes das tropas, fato que foi danoso aos iraquianos no desenrolar do conflito. A mentalidade existente nos exércitos ocidentais mais relevantes era totalmente diferente, valorizando e incentivando o espírito de iniciativa e a tomada de decisões, em todos os escalões.

Enquanto se aproximava a data limite estipulada pela ONU para que o Iraque desocupasse o Kuwait, os beligerantes preparavam seus planos para a guerra. Saddam adotou uma postura defensiva com o objetivo de manter o Kuwait. Sendo assim, posicionou grande parte de seus contingentes em uma linha defensiva na fronteira saudi-kuwaitiana, fortificada com fossos anticarro, campos minados, trincheiras e extensas cercas de arame farpado; destacou tropas para o litoral do Kuwait, a fim de fazer frente a um possível ataque anfíbio; e estacionou tropas da Guarda Republicana à retaguarda, no

norte do Kuwait, como reserva. Deixou, no entanto, praticamente desprotegida a fronteira entre o Iraque e a Arábia Saudita, talvez por considerar improvável uma ofensiva inimiga por aquela área, em grande parte arenosa e desértica.

Coube ao general Schwarzkopf a elaboração dos planos de campanha da coalizão. Como um ex-combatente da Guerra do Vietnã, Schwarzkopf tinha ciência de que os EUA não poderiam cometer nessa guerra os erros cometidos no Vietnã. Sendo assim, ele concebeu uma manobra de flanco, a ser executada com grande rapidez, com todos os meios disponíveis, para aniquilar as forças inimigas sem perda de tempo. Levou em conta, também, que o número de baixas americanas deveria ser o menor possível, para que a opinião pública não se voltasse contra a participação do país no conflito.

A Operação “Tempestade no Deserto”, como foi denominada a ofensiva contra o Iraque, consistiria, inicialmente, de uma ofensiva aérea contra alvos estratégicos no Iraque e no Kuwait, a fim de destruir os sistemas logísticos, de comando e de controle, o que enfraqueceria e desorientaria as tropas inimigas. Em seguida, forças terrestres desencadeariam uma manobra de flanco, cuja ação principal, visando ao cerco do inimigo, seria realizada pelos XVIII e VII Corpos de Exército, que, partindo da Arábia Saudita, adentrariam pelo território iraquiano, tendo como objetivos principais, respectivamente, a cidade de Nazyria e a destruição das tropas da Guarda Republicana. Uma ação secundária seria realizada pelo I Corpo de Fuzileiros Navais e pelos Corpos de Exércitos Árabe-Islâmicos, com a missão de realizar ataques para fixar o grosso das tropas iraquianas que se encontrava posicionado ao longo da fronteira saudikuwaitiana, fechando o cerco ao inimigo. Caberia às unidades blindadas, apoiadas por helicópteros e aviões de ataque, abrir o caminho rumo aos objetivos.

Com o fracasso dos esforços diplomáticos, em 16 de janeiro de 1991, teve início a ofensiva aérea da coalizão para desestruturar o inimigo. Os EUA, inicialmente empregaram caças F-117 Nighthawk “Stealth”, equipados com “bombas inteligentes”, e mísseis Tomahawk, lançados por aviões e navios, para destruir alvos de maior importância estratégica - unidades de defesa antiaérea, centros de comunicação, bases aéreas, usinas elétricas e abrigos de aviões. Em seguida, juntaram-se aos F-117 muitas outras aeronaves menos sofisticadas, para atacar outros objetivos - pontes, rodovias, fortificações, depósitos de suprimento, entre outros. Nas primeiras 36 horas, a coalizão lançou mais de 2.000 ataques e 2.500 toneladas de bombas sobre alvos iraquianos. Navios norte-americanos também contribuíram, bombardeando posições e instalações iraquianas. No final de janeiro, a coalizão detinha o controle incontestável do espaço aéreo e havia praticamente destruído os aparatos de logística, comando, controle e comunicações do Iraque, deixando o inimigo desorientado e sem suprimentos.

Nesse meio tempo, Saddam ordenou o lançamento de mísseis “Scuds” sobre Israel, para levá-lo à guerra. Caso isso acontecesse, o ditador iraquiano esperava que muitos países árabes, historicamente inimigos do Estado judeu, passassem a apoiar o Iraque, ou que pelos menos deixassem de fazer parte da coalizão. Os Estados Unidos

cederam a Israel mísseis “Patriot”, capazes de interceptar os Scuds, o que convenceu o governo israelense a não adotar medidas em represália aos iraquianos. Outros mísseis “Scud” foram lançados contra a Arábia Saudita, e um deles atingiu instalações de tropas norte-americanas, causando 28 mortes. Outra providência de Saddam foi mandar suas aeronaves para o Irã, a fim de que não fossem destruídas pela força aérea inimiga, muito superior.

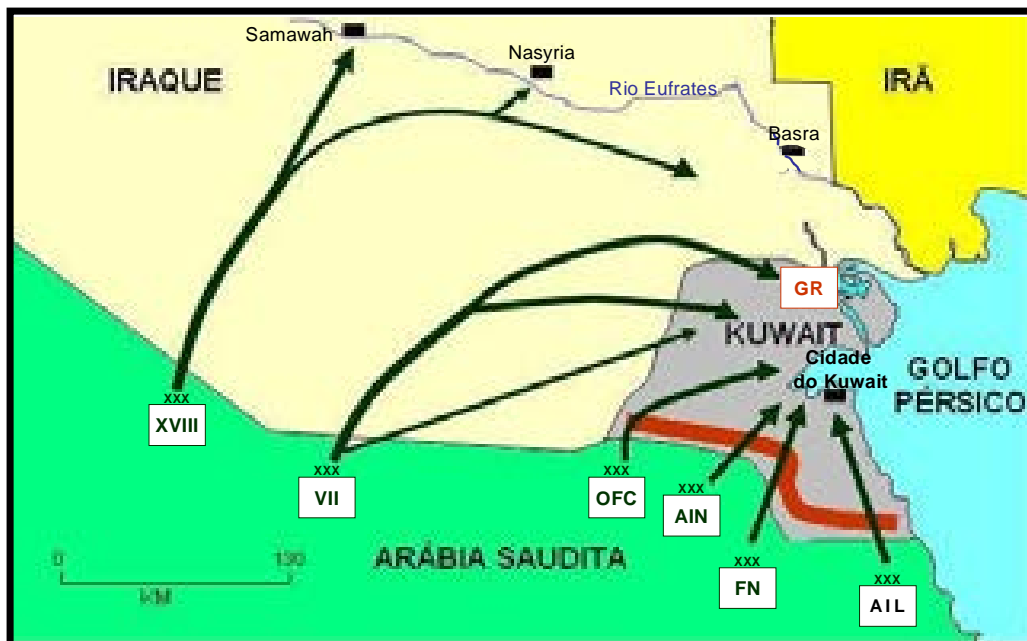
Em 24 de fevereiro de 1991, seguindo o plano de campanha de Schwarzkopf, teve início a ofensiva terrestre da coalizão. Os corpos de exército, em todos os eixos de progressão, rapidamente dividiram e derrotaram as aturdidas e enfraquecidas tropas iraquianas das linhas de frente, que ofereceram pouca resistência e renderam-se. Isso acabou gerando um problema para Schwarzkopf, pois as tropas iraquianas que estavam no Kuwait começaram a retirar-se mais depressa do que o esperado, podendo escapar do cerco planejado antes que este fosse completado.


Em 26 de fevereiro, forças do XVIII Corpo de Exército chegaram ao rio Eufrates, completando o cerco; em seguida parte delas convergiu para leste, a fim de realizar novos ataques. No dia seguinte, tropas do VII Corpo de Exército arrasaram diversas divisões da Guarda Republicana, enquanto tropas árabe-islâmicas entraram na capital do Kuwait sem encontrar resistência. Também nos dias 26 e 27 de fevereiro, comboios de tropas iraquianas que tentavam sair do cerco por uma rodovia que ligava o Kuwait à cidade iraquiana de Basra foram interceptados e devastados com precisão pela aviação da coalizão - o local ficou conhecido como “Rodovia da Morte”.

Em 28 de fevereiro, tendo-se atingido o objetivo de libertar o Kuwait, a ONU estabeleceu um “cessar fogo”. Pouco depois, no início de março, representantes da coalizão e do Iraque reuniram-se em Safwan para discutir a rendição do Iraque. Saddam, derrotado, teve de aceitar os termos de várias resoluções do Conselho de Segurança da ONU, os quais, entre outros aspectos, forçavam o ditador iraquiano a reconhecer a soberania do Kuwait, a pôr fim, sob supervisão de observadores internacionais, às armas de destruição em massa, que teria em seu país e a não apoiar organizações terroristas. Além disso, a ONU estabeleceu um forte embargo comercial ao Iraque, com o intuito de forçar o cumprimento das resoluções impostas e estabeleceu zonas de exclusão aérea no norte e sul do território iraquiano, onde não seria permitido o vôo de qualquer aeronave militar, a fim de proteger as populações curdas e xiitas locais, que eram contrárias a Saddam. Em consequência da guerra morreram cerca de 100.000 iraquianos, 30 mil kuwaitianos e 500 soldados da coalizão.

Nos anos seguintes, as relações entre os Estados Unidos e o Iraque continuaram tensas. Por diversas vezes, Saddam não cumpriu o previsto nas resoluções da ONU. Ele expulsou observadores internacionais que inspecionavam locais onde supostamente estariam sendo produzidas armas de destruição em massa, apoiou grupos terroristas e reprimiu violentamente os xiitas do sul do território iraquiano, entre outros atos. Em represália, os norte-americanos realizavam ataques aéreos contra o Iraque.

## OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO



<sup>xxx</sup> XVIII	XVIII CORPO DE EXÉRCITO	<sup>xxx</sup> AIN	CORPO ÁRABE-ISLÂMICO NORTE	<sup>GR</sup>	GUARDA REPUBLICANA
<sup>xxx</sup> VII	VII CORPO DE EXÉRCITO	<sup>xxx</sup> AIL	CORPO ÁRABE-ISLÂMICO LESTE		LINHA DEFENSIVA
<sup>xxx</sup> FN	CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS	<sup>xxx</sup> OFC	OUTRAS FORÇAS DA COALIZÃO		

Em 11 setembro de 2001, terroristas fundamentalistas islâmicos realizaram atentados nos Estados Unidos, que resultaram na morte de cerca de 2.900 pessoas e na destruição das torres gêmeas do World Trade Center. Em decorrência desses ataques, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush - filho de George Bush, o presidente por ocasião da guerra de 1991 -, acusou o Iraque, juntamente com o Irã e a Coreia do Norte, de apoiarem o terrorismo internacional e de terem armas de destruição em massa.

Pressionado, Saddam consentiu que os inspecionadores de armas de destruição em massa que havia expulsado, retornassem ao Iraque. Essa atitude, porém, não impediu que, em março de 2003, Bush desse um ultimato ao ditador iraquiano: ele deveria deixar o país em 48 horas ou os Estados Unidos atacariam o Iraque para depô-lo. Saddam optou por permanecer no poder, o que fez o presidente estadunidense declarar guerra ao Iraque.

Bush justificou a guerra declarando-a necessária para desarmar o Iraque de suas armas de destruição em massa, e imprescindível para instaurar no país um regime democrático. Havia, porém, suspeitas de que os propósitos principais do presidente norte-americano estivessem ligados à exploração do petróleo no Oriente Médio e a expansão da área de influência geopolítica dos Estados Unidos. Discussões ocorreram



na ONU, onde os norte-americanos receberam apoio de importantes países como Grã-Bretanha, Itália e Espanha, mas sofreram a oposição de outros também de peso no cenário internacional, caso da França e da Alemanha.

Mesmo sem ter conseguido a aprovação do Conselho de Segurança da ONU, Bush decidiu levar em frente seu plano de guerra contra o Iraque. A disparidade de forças era agora muito mais acentuada do que em 1991, pois os americanos contavam com novos recursos tecnológicos - Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT), por exemplo - e as forças iraquianas estavam enfraquecidas, devido ao embargo comercial que o país sofria.

Em março de 2003, sob a liderança dos Estados Unidos, uma força multinacional de 325.000 soldados - a maioria norte-americanos - encontrava-se no Kuwait e na Arábia Saudita, pronta para desencadear uma operação denominada "Iraque Livre". O objetivo era a conquista da capital, Bagdá, e a deposição de Saddam, ações que os norte-americanos consideravam suficientes para desarticular todo o aparato defensivo iraquiano (as forças iraquianas contavam com cerca de 375.000 soldados).

#### SOLDADOS NORTE-AMERICANOS NO IRAQUE

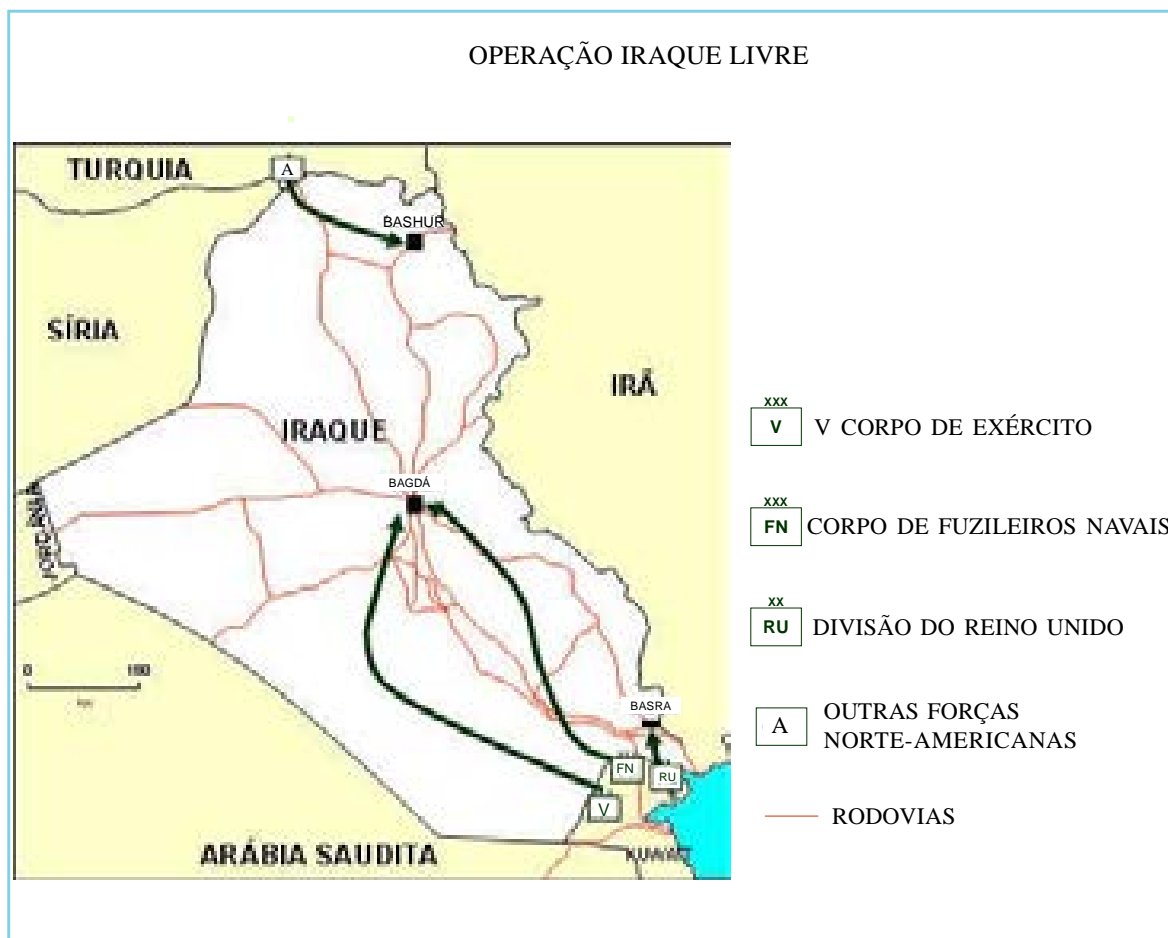


Os soldados norte-americanos, em 2003, no Iraque, basicamente portavam um capacete de kevlar de 1,9 kg (com microfone integrado); visor noturno com alcance de 450 metros; óculos de proteção contra areia; colete com kevlar, fuzil M-4, calibre 5,56mm, com lançador de granada; máscara contra gases M-40; fardamento camuflado para o deserto, totalmente de algodão; protetores de joelho; e coturnos de couro impermeáveis.

A conquista de Bagdá ficou a cargo do V Corpo de Exército e do Corpo Expedicionário de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Uma divisão do Reino Unido foi incumbida de ocupar Basra, no sul. Outras unidades executariam missões em diversos outros locais do Iraque, em apoio às ações principais.

Em 20 de março de 2003, foi desencadeada a operação “Iraque Livre”, tendo as tropas da força multinacional atingido com grande rapidez todos os seus objetivos, sem encontrar grandes resistências das forças inimigas, que se desintegraram. Bagdá foi ocupada em 09 de abril, mas Saddam não foi encontrado. Em seu lugar, um novo governo, respaldado pelas tropas multinacionais, passou a dirigir o Iraque.

Em 1º de maio de 2003, o presidente Bush declarou a missão cumprida. Isso, porém, efetivamente não havia acontecido, pois diversos grupos islâmicos, insatisfeitos com a ocupação do Iraque, passaram a realizar ações terroristas, sequestros e ataques menores contra as forças internacionais. Saddam acabou capturado em 13 de dezembro de 2003 e enforcado em 30 de dezembro de 2006, após julgamento realizado em seu próprio país, por autoridades iraquianas. A existência de armas de destruição em massa, um dos motivos para a invasão, não foi comprovada.



As guerras entre as forças lideradas pelos Estados Unidos e o Iraque demonstraram o potencial dos mais modernos armamentos e equipamentos existentes na passagem do II para o III milênio. No entanto, ainda não se mostraram suficientes para resolver crises seculares e trazer paz. As vitórias das poderosas tropas norte-americanas continuaram a ser questionadas por grupos de homens, pouco equipados, mas disposto a qualquer sacrifício para fazer valer seus interesses, sejam patrióticos, sejam religiosos, sejam étnicos, sejam, até mesmo, econômicos. Em 2011, os Estados Unidos retiraram suas forças do Iraque, porém ainda persistiram embates entre tropas governamentais e grupos avessos à ordem estabelecida, sem haver perspectiva de solução a curto prazo.